

REPRESENTAÇÕES DE LEITURA E DE LEITOR NO ROMANCE “OURO DENTRO DA CABEÇA”, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Mônielly Silva de Medeiros ¹
Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães ²

RESUMO

Nesta pesquisa, pretende-se analisar as representações da leitura e do leitor constituídas no romance “Ouro dentro da cabeça” (2016), da escritora Maria Valéria Rezende, grande destaque da literatura juvenil contemporânea. Focaliza-se a construção do personagem-leitor Marílio, sujeito que sai de sua terra natal em busca do saber letrado, e a posição que a leitura ocupa no percurso narrativo, tendo em vista as relações sociais, culturais e políticas que cercam a trama. Nesse contexto, discute-se as concepções sobre os modos de ler que incidem na formação da identidade do personagem-leitor na obra em perspectiva. O trabalho se trata de uma pesquisa bibliográfica, cujo corpus é a obra em seu aspecto verbal, bem como em seu plano visual, linguagens que se complementam e enriquecem a construção de sentido. O escopo teórico utilizado fundamenta-se nas ideias de Cosson (2018), Zilberman (2001), Freire (1989), Jouve (2002), Petit (2012), entre outros autores. Ao final do trabalho, evidencia-se que a obra apresenta concepções de leitura e de leitor baseadas numa perspectiva sociocultural, humanizadora e libertadora, que defende a leitura literária como linguagem importante no processo de construção do sujeito crítico e consciente de si e do mundo.

Palavras-chave: Leitura, Leitor, Literatura juvenil, “Ouro Dentro da Cabeça”, Maria Valéria Rezende.

INTRODUÇÃO

A leitura está presente em grande parte da vida humana na modernidade: em escolas, empresas, serviços públicos ou privados, exigindo que sejamos leitores sempre mais eficientes e adaptáveis a situações diversas. Tendo em vista a importância da capacidade leitora na atualidade, percebemos a dificuldade de engajamento social das pessoas que não a dominam.

Refletindo sobre a leitura no cotidiano humano, deparamo-nos com a representação constante desse tema nas obras de Maria Valéria Rezende, autora que nos faz discutir acerca do papel da leitura, especialmente a literária, e da educação na vida de

¹ Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba – *Campus I*, monielly.medeiros021@gmail.com;

² Doutora em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Professora de Literatura da Universidade Estadual da Paraíba – *Campus I*, kalinaro@servidor.uepb.edu.br.



suas personagens, mostrando como a transformação destas figuras decorre da apropriação da cultura letrada. Nos seus textos, enquanto defende a popularização da leitura para a construção de uma sociedade menos injusta e desigual, Rezende constrói mundos e personagens nos quais alguns caminhos e escolhas sobre a vida têm relação com o saber e o uso social da leitura e da escrita, como ocorre em “O voo da guará vermelha” (2014), “Outros Cantos” (2016), e “Ouro dentro da cabeça” (2016).

Como resultado dessa reflexão, decidimos empreender um estudo da obra “Ouro dentro da cabeça” por tratar da importância da leitura para a evolução do personagem-leitor, que é Marílio. Na obra, ele narra diretamente para o leitor as histórias de suas andanças em busca de uma escola que pudesse ensinar um adulto a arte das letras. Enquanto vai de cidade em cidade, passa por diversas experiências de emprego e constrói um arsenal de enredos que narra oralmente para aqueles que querem escutá-lo. No entanto, sua maior vontade é aprender a ler, para que possa desvendar os mistérios dos livros recebidos do amigo Pajé e que lhe acompanham onde quer que vá.

Norteados-se por esta presença demarcada do leitor-personagem e da sua importância na obra, definimos, então, como impulsionadora da nossa pesquisa a seguinte problemática: como ocorre a representação da leitura e do leitor no romance “Ouro dentro da cabeça” da autora Maria Valéria Rezende? Para respondê-la, partimos da hipótese de que essa representação ocorre na obra de maneira construtiva, dialógica e polifônica, pois existe a personagem que encontra maior autonomia, emancipação, liberdade, criticidade e consciência de si por meio da leitura, além de se construir conscientemente como sujeito múltiplo, resultado de todas suas vivências.

Além da análise narrativa, observaremos criticamente as ilustrações que também constituem o texto “O ouro dentro da cabeça”, pois elas acrescentam, reelaboram e ampliam, com seus traços, cores e símbolos, os sentidos do romance. Assim, a ilustração enriquece o texto verbal, pois sua presença extrapola a função meramente figurativa.

Nessa perspectiva, o objetivo geral desse estudo é investigar a representação da leitura e do leitor no romance. Para alcançar tal objetivo, visamos investigar o conceito de leitor e leitor-personagem do ponto de vista teórico; conhecer as concepções de leitura e leitor mais recorrentes; e relacioná-las às experiências descritas na obra analisada, tendo a metodologia da pesquisa uma abordagem qualitativa e analítica.

Temos como justificativa dessa pesquisa a evidente necessidade de conhecer a imagem do leitor-personagem, figura presente em muitas obras da literatura mundial,

como “Madame Bovary”, “As Mil e uma noites”, “Dom Quixote”, entre outros, mas, dessa vez, em uma obra de autoria feminina, nacional e contemporânea, traços marcantes e que tornam a escritora representante de mais de um grupo social reconhecido como minoria. Soma-se a isso, a relevância da presença do leitor-personagem e sua influência na construção da narrativa, afinal, ele não só estabelece uma relação de identificação no leitor, mas estimula a reflexão sobre a importância da leitura e da literatura em nossas vidas.

Ao concluirmos a pesquisa, notamos que a obra apresenta representações de leitura e leitor baseadas numa perspectiva humanizadora e libertadora, que permite ao leitor compreender melhor o mundo e a si mesmo, por meio da consciência crítica desenvolvida durante o processo de leitura.

METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, definida por Severino (2007) como uma pesquisa que se refere de maneira mais enfática aos fundamentos epistemológicos que às especificidades metodológicas, em oposição à abordagem quantitativa, que preza pela contagem matemática dos dados obtidos. Quanto ao método, utilizamos a análise de conteúdo, compreendida como uma “metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens” (SEVERINO, 2007, p. 121). Nesse estudo, o tratamento de dados ocorrerá de maneira analítica.

Em relação à natureza das fontes utilizadas, a pesquisa pode ser definida como bibliográfica, porque se utiliza de material de pesquisas anteriores no aporte teórico e documental.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos acerca da leitura são vastos e apresentam muitos aspectos interessantes e passíveis de análise. A fim de expor alguns dos principais pontos, trazemos nessa pesquisa algumas visões sobre a leitura e sua influência na vida do leitor e da sociedade como um todo.

A leitura é vista, no decorrer da história, sob diferentes formas. No entanto, em cada uma delas, apresenta o caráter potencial de permitir que o leitor conheça algo, seja histórias, segredos, mistérios ou habilidades. Contudo, apesar desse viés funcional, a leitura também é, muitas vezes, associada à competência de decifrar códigos, incluindo a língua e suas relações sintáticas. Dessa forma, é preciso ampliar esse conceito, para que o sentido do texto não seja percebido como uma tradução literal de um código previamente estabelecido, mas "É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto" (KLEIMAN, 1995, p. 13).

A construção do conhecimento linguístico não ocorre de maneira apartada do processo de leitura, mas estabelece uma relação de cooperação e parceria, pois, se por um lado, precisamos ler as letras, palavras e frases para compreender o sistema linguístico; existe, por outro, a necessidade de também conhecer a língua para se fazer leituras mais completas, profundas e críticas dos textos. A união de pequenas unidades textuais é capaz de produzir efeitos diversos no leitor, que pode aumentar o seu campo de compreensão textual conforme adquira mais familiaridade com os vários aspectos e peculiaridades constituintes da língua. Como consequência, segundo Kleiman (1995), quanto maior o conhecimento textual do leitor e suas experiências com gêneros diversos, mais ampla será a sua compreensão e expectativa em relação aos textos.

Salienta-se que o conhecimento linguístico e a leitura podem produzir significados diversos e produtivos quando são entrelaçados, afinal, compreender a linguagem é essencial para quem se dispõe a ler e reconhecer na decifração uma forma de acessar não apenas o código, mas também as diversas formas de ler o texto e, conseqüentemente, o mundo. Assim, o saber linguístico não é o único pré-requisito ativado durante a leitura. Nela, o leitor percebe também que os seus conhecimentos prévios de mundo permitem que a leitura tenha algum sentido em relação à sua vida. De acordo com Kleiman (1995), a leitura não pode ser reduzida a um simples passar de olhos pelas letras, mas implica uma atividade de reconhecimento, levantamento de hipóteses, identificação ou não com as situações narradas, com as personagens e suas escolhas.

A leitura pode ser compreendida como um processo cooperativo e por isso mesmo dialógico, construtivo e sempre inacabado, pois os textos permitem que sejam feitas sempre novas leituras que resultam de diversos momentos históricos, sociais e culturais. Cada leitor, carregado de sua individualidade e historicidade, constrói para o texto novas

significações. Como afirma Cosson (2018), a leitura é formada por muitas pessoas, épocas, contextos e vozes. Ao ler, o leitor está se conectando com outras vivências e pessoas por meio do enredo e da experiência leitora.

Refletindo ainda sobre o caráter social da leitura, Cosson (2018) ratifica: “No sentido de que lemos apenas com os nossos olhos, a leitura é, de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário.” (COSSON, 2018, p. 27). Assim, a leitura parte de uma iniciativa individual de decodificar o texto, analisar seu sentido de acordo com as indicações deixadas pelo autor, mas tem o potencial de ir muito além dessa compreensão, contribuindo para uma leitura muito mais crítica do que seria individualmente.

Retomando o sentimento de identificação suscitado no ato de leitura, ao falar sobre a relação entre ler e “navegar”, Zilberman (2001) explica que tendo um envolvimento com a narrativa, o leitor se sente participante dos acontecimentos e navegante através da obra. Dessa maneira, o processo de identificação ocorre de forma a integrar o sujeito leitor à obra e facilitar o entendimento, a compreensão e possibilidade de múltiplas interpretações. Tal identificação ocorre, no entanto, não de maneira arbitrária, mas é justificada pela existência de preferências e características individuais e sociais do leitor, que o atraem ou o afastam de determinados aspectos da obra.

Como resultado, podemos ver a leitura como “lugar” de encontro entre nós mesmos e a comunidade a que pertencemos, de maneira intermediada pela linguagem artística, e estilo do autor ou autora. Para Cosson (2018, p.17), “A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos.”, afirmando o caráter de interação e identificação que a literatura pode proporcionar.

O ato de se reconhecer na obra muitas vezes permite que ela, assim como outras formas de arte, sejam associadas a atividades de prazer, de fuga de uma realidade dura de ser vivida, porém, tais características não tornam a leitura algo superficial. Afinal, é por meio do afastamento e da observação que o leitor pode visualizar sua realidade, conhecer culturas, planejar um futuro talvez diferente do que acreditava ser a sua única possibilidade até então.

Associa-se também à leitura o ato de viajar, pois pressupõe que o indivíduo saia de um lugar e conheça outros, outras culturas, pessoas e estilos e esteja sob uma espécie de flutuação, vertigem. Existem expressões diversas que associam o sujeito leitor a alguém aéreo, que vive “no mundo da lua”, e que demonstram como a leitura possibilita que o indivíduo mude de lugar. Nesse sentido, “Ler, pois, é uma viagem, uma entrada

insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência[...] (JOUVE, 2002, p. 109).

Como consequência dessa tendência libertadora da leitura, reflete-se sobre como ela desenvolve a capacidade de autonomia do leitor enquanto este é construído como sujeito leitor, consciente e crítico. Freire (1989) afirma que o ato de ler é uma espécie de autoconstrução, pois o leitor constrói a leitura mediante a sua própria imagem, o que dá a essa figura centralidade no processo de seu aprendizado.

A busca pelo conhecimento letrado ocorre em grande parte devido à valorização da escrita, instrumento importante de tomada de consciência, e muitas vezes, conseqüentemente, da subversão de papéis e lugares sociais. Ter acesso aos mesmos meios de poder dos denominados opressores é uma forma de tentar mudar a realidade injusta daqueles não têm acesso ao conhecimento institucionalizado.

Esse poder é evidenciado em algumas obras literárias como em “Orgulho e Preconceito”, de Jane Austen; “Madame Bovary”, de Gustave Flaubert; “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes, assim como em “Ouro dentro da cabeça”, de Maria Valéria Rezende, em que o domínio da leitura apresenta um fator importante de diferenciação na vida dos personagens, tornando-os especiais na obra. Sobre tal aspecto, Zilberman (2001, p. 21) afirma que “à leitura intensiva se atribui grave delito: ela transtorna e transforma seu leitor.”. Dessa maneira, a leitura é um ato político capaz de mudar a realidade das pessoas, permitindo que elas tenham acesso a melhores condições de vida e consciência sobre tudo que as cercam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse tópico, é apresentada a análise acerca da representação da leitura e do leitor, com foco na personagem Marfílio, à luz dos estudos teóricos levantados neste artigo. Antes, porém, leia-se um breve resumo da obra “Ouro dentro da cabeça” (2016), de Maria Valéria Rezende.

A obra tem início com a apresentação do narrador-personagem, que começa a relatar o seu percurso em busca, segundo ele, de um tesouro mais precioso do que ouro: a leitura. Ele inicia, então, a falar sobre o lugar onde nasceu, um pequeno vilarejo chamado de Furna dos Crioulos, onde ninguém sabe ler, apesar de haver uma cultura de

contação de histórias. No entanto, a falta de saber escolarizado não permite que essa população conserve sua história.

Quando chega à adolescência, encontra Pajé, um homem perdido e doente a quem passa a ajudar com comida e medicamentos. Em troca, o novo amigo oferece histórias, que partilha mediante contação. O fato de a leitura de histórias servir como pagamento realça o seu caráter de riqueza, sob o olhar do narrador. Com essa relação intermediada pela leitura, o jovem começa a mudar a sua visão sobre a vida, desejando ler suas próprias histórias, o que o instiga a buscar pelo aprendizado letrado.

Algum tempo depois, Pajé morre. Marílio se vê desesperado, pois, apesar de ter ficado com a caixa de livros que o amigo carregava, não pode lê-los. Então, ao receber a notícia de que chegaria no povoado uma professora, fica muito animado. Porém, por não ser batizado ou saber os nomes dos pais, o menino desiste de se inscrever na escola e decide sair do seu povoado em busca de conhecer as letras, com a ajuda de Tião dos Burros, a pessoa que levava e trazia mercadorias para os moradores da Furna.

Começa então a sua jornada, de cidade em cidade, trabalhando em diversas funções e se mantendo como podia em busca de aprender a ler. Nesse caminho enfrenta dificuldades, conhece pessoas e lugares, viaja de avião, faz amigos e inimigos e encontra a leitura no lugar onde menos esperava, com uma moradora de rua que está disposta a ajudá-lo em troca de companhia e algum alimento.

REPRESENTAÇÕES DE LEITURA

Como foi descrito anteriormente, Marílio, narrador-protagonista adulto e já familiarizado com a leitura, conta sua vida e a sua busca pelo aprendizado da palavra escrita. Em sua história, a relação com Pajé é essencial para a construção do narrador como sujeito leitor. Entre os dois, nasce um sentimento de segurança e identificação, pois mesmo que as histórias contadas pelo amigo apresentem universos diferentes do seu, elas proporcionam para o menino uma mudança de perspectiva. Além disso, a confiança e o respeito estabelecidos entre Marílio e Pajé funcionam como uma espécie de mediação do ato de ler de modo que “Tudo começa com uma hospitalidade.” (PETIT, 2012, p. 48).

Sobre esse aspecto muito associado à literatura, em especial à fantástica, Jouve (2002) afirma que a leitura pode causar no leitor a sensação de viagem, espécie de fuga para um outro universo onde tudo é possível. É assim que Marílio se sente sempre que

ouve as histórias de Pajé, momento em que sai da Furna e adentra em histórias mágicas, aventuras e mundos cheios de palavras.

Arelada à ideia de leitura como abertura de oportunidades, Marílio descreve o ato de ler também como o desvendar de um segredo. Nas palavras do narrador: “enquanto eu olhava as folhas que ele devagar virava, doidinho pra descobrir o segredo das palavras e das linhas bordadas e desenhadas no papel de cada livro.” (REZENDE, 2016, p.26). Assim, notamos que a leitura configura uma forma de desvendar segredos e possibilidades sobre o mundo e o humano. Na visão de Marílio, a leitura tem seu teor mágico. No trecho citado, percebemos também a comparação das frases a linhas bordadas, pois, assim como um texto, um bordado se trata de uma construção de algo maior, através de pequenas partes que têm seu sentido individual, mas, em conjunto, conseguem alcançar um nível mais alto de significação.

A partir do conteúdo gráfico elaborado por Diogo Droschi, é possível refletir sobre a concepção de leitura expressada na obra, afinal, a ilustração permite ao leitor interagir, antecipar interpretações e auxiliar na construção de sentidos para o texto. Segundo Lígia Cademartori (2008, p. 87), “Enquanto a escrita impõe a linearidade no tempo, própria do seu caráter sequencial, a simultaneidade da representação imagística cativa e comunica, de imediato, pela força e riqueza figurativa e cromática.”, possibilitando que a leitura ocorra mais de uma maneira, simultaneamente.

O trabalho gráfico tem início na capa, com a ilustração de várias chaves-letras, apresentadas a cada novo capítulo associadas à cor preponderante nelas: o dourado. As chaves, presentes em toda a obra, remetem à possibilidade de abrir portas, destravar barreiras que nos permitam o acesso a outros espaços. Assim, a leitura, na visão de Marílio, corresponde a chaves que abrem as portas dos vários mundos possíveis.

Retomando a análise textual, com a morte de Pajé, o menino se depara com uma grande quantidade de livros que não pode ler, limitando-se a contar as histórias de que se lembra. Essa situação poderia mudar com a chegada da professora Marília, em quem o rapaz se inspira para criar o seu próprio nome. Enquanto a docente ensinava seus alunos dentro da escola, Piá, denominação do narrador quando menino, decorava o resultado da junção dos fonemas, mas isso pouco adiantava pois ele, de onde estava, não conseguia visualizá-los no quadro. Após a partida da professora, Marílio soube que ninguém conseguira aprender a ler no povoado e novamente a sua esperança de conhecer o mundo das letras é suspensa. O resultado negativo obtido com o ensino da professora deve-se,

por um lado, ao pouco tempo que a escola funcionou, e, por outro, à falta de envolvimento com os alunos. O ensino do reconhecimento das letras e seus fonemas sem a relação com o cotidiano dos alunos não facilita o processo de aprendizagem.

Sobre essa necessidade de englobar no ensino os conhecimentos que os alunos já possuem, Paulo Freire afirma que: “A educação popular não pode estar alheia a essas histórias que não refletem apenas a ideologia dominante, mas, mesclados com ela, aspectos da visão de mundo das massas populares.” (FREIRE, 1989, p. 29). Assim, os alunos se apresentam não como espaços vazios a serem preenchidos, mas como pessoas que querem aprender e também tem muito a ensinar, já que o leitor é o principal agente da leitura.

A dificuldade encontrada por Marílio-adulto para ter acesso à escola nos permite refletir sobre como essa situação tem embasamento na realidade, pois o acesso à educação por este público tem grandes entraves no Brasil, como a necessidade de se dividir entre trabalho e escola, sustentar a família, enfrentar a burocracia, etc. Mesmo com um grande número de escolas que adotam o sistema de Ensino para Jovens e Adultos (EJA), principalmente após 1996, ano em que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) inclui a EJA, a sua presença é muito reduzida em relação ao ensino regular e o percentual de analfabetismo no país, que é de 6,6%, de acordo com o senso IBGE de 2019.

REPRESENTAÇÕES DE LEITOR

Repare em Dom Quixote, este aqui, todo encourado como os vaqueiros que vi quando andei pelo sertão: veja como era magrinho, porque comia bem pouco, que tudo economizava do dinheiro que ele tinha por mor de comprar os livros e ler todas as histórias pra descobrir neste mundo o que o olho só não vê. (REZENDE, 2016, p. 25)

Ao narrar esta cena, o personagem relembra um dos momentos em que Pajé contou histórias e demonstra se espelhar no personagem andante, não apenas por este ser um herói capaz de lutar e passar pelas mais difíceis situações, mas por todos esses aspectos só serem possíveis através da competência leitora, tão característica em Dom Quixote. Este, que passa a construir fantasias a partir das histórias que lê, tem a sua rotina e a sua visão de mundo modificadas, demonstrando “experienciar o mundo por meio da palavra”. (COSSON, 2018, p. 47).

Após a morte do amigo, Piá percebe que as histórias que ele ouvia só fariam sentido se contadas a outras pessoas, se fossem compartilhadas. Segundo o personagem, essa seria a única forma de aquietar o seu coração. Essa ideia de leitor sempre ativo, disposto a compartilhar histórias, advém de Chartier (2009) quando ele diz que não existe livro sem leitor, assim como não existem histórias sem pessoas que as ouçam, compartilhem e interajam com elas. O autor também defende que a leitura em voz alta é uma forma de aproximar-se dos ouvintes e estabelecer, de certa maneira, laços entre si. Assim, pode-se compreender melhor a sensação de conforto que Piá sentia ao compartilhar suas histórias com os moradores da Furna. Como já citado, a leitura parte de uma atitude solitária, porém, a sua compreensão é sempre solidária (COSSON, 2008), pois emerge de um contexto também social, principalmente quando se trata da leitura oralizada.

Para Petit (2012), o sujeito leitor necessita de acolhimento e hospitalidade para a aprendizagem da leitura. O menino inicialmente se identifica com Pajé, se apaixona por suas histórias e pela forma como é compreendido pelo amigo. A necessidade de se tornar um leitor é incentivada pelo mediador que compartilha com o menino não apenas histórias, mas também vivências e outras perspectivas sobre a vida.

É interessante perceber que Piá sempre foi visto em Furna como um menino estranho, seja por não ter conhecido os pais, não possuir um nome exato, ter a aparência física diferente ou ter a mania de contar histórias. Essa distinção é perceptível quando a professora Marília chega ao povoado e Tião dos Burros descreve Piá como: “Coisa-Nenhuma, menino meio doidinho, meio fraco do juízo, mas bom pra contar histórias.” (REZENDE, 2016, p. 30). Tal caracterização, que o segrega, parece ser mais um dos incentivos para que o garoto aprenda a ler e tenha nos livros um reconhecimento e uma identificação que os seus vizinhos não o permitem ter.

A relação entre texto e leitor ocorre de maneira dialógica, pois, de acordo com Jouve (2002), enquanto o personagem se baseia nas experiências que o leitor possui, este se identifica devido às emoções suscitadas durante a narrativa. Segundo o autor, “as emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção.” (JOUVE, 2002, p. 19). Essa atitude é bastante explorada na personagem de Marílio, que se identifica com as pessoas que conseguem se libertar através da leitura, pretendendo ser como eles.

Dessa forma, o sujeito leitor, que se identifica com personagens, obras e histórias é sempre o resultado de muitas vozes. Segundo Zilberman (2000), a natureza libertadora

da arte ocorre por meio da experiência estética, que tem o seu ápice na identificação, na atualização da leitura por meio de fatos da própria existência do indivíduo. Tal desejo de identificação se relaciona também com a valorização atribuída à leitura, pois, em nossa sociedade, a leitura é um objeto de desejo e consumo.

A noção de que, através da leitura, pode-se circular em novos ambientes reforça também a ideia do leitor como possuidor de um bem, que não pode ser retirado de si, pois, diferentemente dos bens materiais, a leitura não é transferida, mas sim construída. Essa situação ocorre com Pajé, que, mesmo sem enxergar, possui as histórias dentro da cabeça, assim como Marílio que, mesmo antes de aprender a ler, descreve a leitura como sendo uma preciosidade: “Eu ia enricar de letras, enfim, aprender a ler” (REZENDE, 2016, p. 68).

A comparação entre a leitura e o ato de enriquecer nos mostra como o personagem reconhece nos sujeitos leitores um bem que só é possível através das letras, não do dinheiro ou do status social. Apesar de o leitor ser caracterizado por todas essas vantagens, de aquisição de poder, status social e talvez econômico, o personagem tem uma relação muito mais íntima e afetuosa com a leitura. Ele deseja ser um leitor-voador, aventureiro, desbravador, criador e contador de histórias, capaz de usar a leitura para conhecer o mundo e levar esses conhecimentos e histórias para outras pessoas.

Essa vontade de conhecer o mundo através da leitura que pulsa em Marílio se concretiza ao final da obra, de maneira inusitada, ao encontrar a velha Naná, uma moradora de rua, que sabia ler, escrever e gostava de ouvir as histórias do rapaz. Ao encontrar a leitura não em um espaço institucionalizado, mas em uma leitora e ex-professora simples como Naná, Marílio demonstra que a leitura é muito mais do que um bem de consumo: é um tesouro capaz de unir as pessoas e permitir que elas enxerguem mais possibilidades e perspectivas. Assim, o leitor, nesse romance, é o sujeito que está sempre em busca de se conhecer, de descobrir o outro e o mundo ao seu redor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a obra “Ouro dentro da cabeça” traz em si grande potencial de identificação, permitindo ao leitor reconhecer-se nas personagens que são também leitoras e buscam alcançar experiências para além do seu cotidiano. Acompanhar o trajeto de Marílio permite ao leitor sensibilizar-se com a tentativa de uma busca que todos nós

possuímos em algum momento de nossas vidas, seja em relação à leitura, ao conhecimento no geral, ao amor, aos sonhos, etc.

Ademais, a defesa da leitura como direito do ser humano, como ato político de apropriação, empoderamento e construção de uma sociedade mais justa, se apresenta de maneira clara, afinal, Marílio é a prova de que a leitura pode revolucionar uma vida, uma comunidade, um futuro. Trazer como protagonista um personagem que, inicialmente, não possui a cultura letrada, mas busca com todas as suas forças ultrapassar as barreiras que lhe foram impostas desde o seu nascimento, nos faz pensar em como a leitura pode ser revolucionária.

O encontro com a leitura na obra surge em lugar inesperado, no afeto de uma mulher marginalizada e invisibilizada pela sociedade e que demonstra ter importância e, principalmente, voz. É através dos ensinamentos, da paciência, do contato a velha Naná que Marílio finalmente alcança o seu objetivo de aprender a ler e pode então seguir o seu caminho. Existe nessa relação a quebra de paradigma tanto no recorte de gênero, quanto social, afinal, o conhecimento parte da mulher humilde e se apresenta como a maior riqueza que o protagonista poderia receber. Dessa forma, a obra demonstra a defesa de leitura como um bem precioso, mas que pode ser acessível a qualquer pessoa, independentemente de sua cor, classe, orientação ou gênero, desmistificando a noção de que leitura pode ser aprendida apenas em instituições oficiais e insistindo na ideia de que todos somos capazes de ensinar e aprender.

REFERÊNCIAS

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

JOUBE, V. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PETIT, M. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2012.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: Aspectos Cognitivos da Leitura. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

REZENDE, M. V. **Ouro dentro da cabeça**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.